

MUNDO GRÁFICO



Em Lisboa
que foi
porto
de escala
para milhares
de pequenos
refugiados

PERSONALIDADES DO CINEMA

LAURENCE OLIVIER

por Maud M. Miller

NA cena ou no «ecran», Laurence Olivier é o mais inglês de todos os actores britânicos. Pertence à escola dramática moderna e está tão à vontade na comédia de costumes contemporânea como nas obras clássicas. A sua primeira aparição na cena foi na «Mégère apprivoisée», dada por estudantes no Teatro dos Festivais Shakespeare, em Stratford sobre o Avon. Tinha, então, quinze anos.

Hoje, depois de ter prestado serviço durante três anos na Aeronautica Naval, Laurence Olivier foi dispensado pelo Almirantado a pedido do Conselho para Desenvolvimento da Música e das Artes, afim de tomar, com Ralph Richardson, a direcção da companhia teatral Old Vic, conhecida pelas suas representações shakespearianas.

Antes de retomar a sua carreira teatral, Olivier está terminando o filme «Henrique V», no qual trabalha neste momento para o que o Almirantado lhe concedeu uma licença especial.

Esta obra de Shakespeare foi representada pela primeira vez em 1599, no velho teatro «Globe», e é esta estreia que constitui a primeira cena do filme, para a qual foi construído nos estúdios de Denham um modelo de Londres do século XVI.

Escolhendo esse episódio da vida londrina em 1599, Laurence Olivier, que não é apenas a vedeta do filme, mas, também, «metteur en scène», pretende dar uma idêa da capital naquele século e acentuar que Shakespeare escrevia as suas peças pensando, em primeiro lugar, que elas deviam distrair o público. Ver-se-á, portanto, «Henrique V» tal como foi apresentado aos londrinos do século XVI, com o vasto «décor» que torna possível o moderno cinema a cores.

Laurence Olivier é filho de um padre anglicano o qual, ele próprio, lhe sugeriu a idêa de abraçar a carreira teatral, quando há 17 anos o famoso actor terminou os seus estudos. Laurence amava os clássicos e ele poderia ter-se tornado dramaturgo se não tivesse preferido seguir o exemplo do seu irmão, plantador de chá na Índia.

Reconsiderou porém e ingressou, com uma bolsa, numa escola dramática. Durante cinco anos, depois, trabalhou em «tournées» percorrendo todo o país, ganhando pouco, mas adquirindo muita experiência.

Foi por essa altura que conheceu Noël Coward e Ralph Richardson e tornaram-se amigos. Coward e Richardson despertaram-lhe o interesse pelas obras modernas e, quando em Nova York representou a peça de Coward «Vidas íntimas», Olivier atingiu o ponto decisivo da sua carreira.

Um dia, recebeu um telegrama de Hollywood. Ofereciam-lhe contrato para entrar, ao lado de Greta Garbo, na «Rainha Cristina». Quando chegou à capital do cinema o seu papel fora distribuído a John Gilbert. Recebia, porém, o salário estipulado no contrato, mas não tinha nada que fazer. Isso aborrecia-o e voltou para a Inglaterra afim de trabalhar no teatro e aperfeiçoar-se na técnica do cinema sob a direcção de Alexandre Korda.

Ele desejava, porém, constantemente, interpretar Shakespeare. Por isso trabalhou na Old Vic por 25 libras semanais, recusando frequentes «cachets» de 300, para interpretar peças modernas.

Dedicou-se, também, à experiência de levar Shakespeare para o écran. Depois interpretou o «Hamlet», na Dinamarca, no próprio castelo de



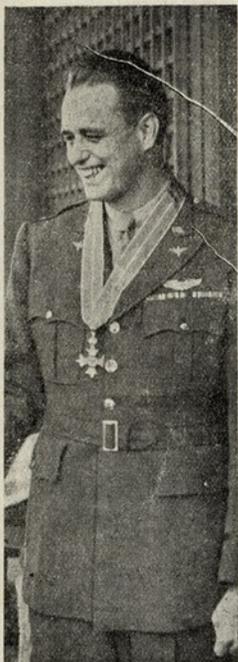
Uma cena maravilhosa do filme «Henrique V», no qual Laurence Olivier desempenha o protagonista. Ei-lo, contracenando com Renée Asherson, no papel de princesa Catarina



O famoso actor inglês, no «Henrique V», falando aos seus soldados, numa passagem da mesma película

(Continua na página 30)

REFLEXOS DO MUNDO



O Coronel Roosevelt, filho do Presidente dos Estados Unidos, que recentemente foi condecorado

A «Cucaracha», em Cherburgo

«Eis as impressões de um correspondente de guerra britânico que foi das primeiras pessoas a entrar em Cherburgo, quando ainda ali se lutava vigorosamente.

Parecia uma grande aldeia. Em vez de fuzilaria incessante podia numa rua ouvir-se os sons do piano que tocava num bar, ocasionalmente aberto, onde os soldados que tinham exposto a vida algumas horas antes e a iam expôr de novo, se divertiam ruidosamente.

No dia 27 à tarde, horas depois da conquista, quasi só se viam nas artérias soldados americanos. Estendidos nos passeios muitos corpos do inimigo cobertos por oleados.

Na praça da República, o sargento Ivan Brotén, do estado de Minnesota, tocava à viola a «Cucaracha», enquanto dezenas de militares à sua volta faziam cântico.

Na rua Napoleón, perto da Praça da República, um soldado americano, passeiava, satisfeito e sôzinho, num «jeep», com um chapéu alto na cabeça.



Aqui e além, do interior das casas saíam os acordes marciais da «Marselhesa», tocada nos gramófonos, cujos ecos se perdiam no meio dessa cidade sonâmbula, que parecia não acreditar ainda na libertação.

Haviam-na conquistado êses soldados satisfeitos, com os quais a população fraternizava, assombrada do seu heroísmo.

Esta aconteceu

A jovem senhora andava a passear num belo sítio próximo do acampamento, na Geórgia, quando se deparou um aprazível e calmo lago.

Como não houvesse ninguém naquelas paragens, despiu-se e estirou-se à água para gozar as delícias de um banho.

Porém, logo que mergulhou, avistou um capitão do exército que se acercava do local.

Como não tivesse tempo de tornar a vestir-se, ela escondeu-se, rapidamente, atrás de uma árvore. De repente o capitão parou e gritou:

«Companhia Camuflada n.º 4! Destroçar!»

Imediatamente tôdas as árvores se puseram a marchar.

(Transatlantic, Londres).

Ilusão

Um psiquiatra morreu e foi para o céu. Teve uma recepção calorosa.

— E' exactamente o homem que procuramos — declarou S. Pedro. — O Todo Poderoso encontra-se muito mal. Ninguém

✱ Pôsto de vigia aéreo em Londres. Estes dois irmãos seguem emocionados as fases da destruição de uma bomba voadora por um Spitfire

o pode aturar. Pensa que é o General Montgomery.

(Contado por Peter Stursberg)



A mulher inglesa na guerra. O toque de clarim, numa cerimónia tradicional, onde é da praxe usar êste chapéu.

Com **NIVEA**
ao ar e ao sol!

As creanças antes de se exporem ao sol na praia devem ser cuidadas com Creme Nivea ou Oleo Nivea. Friccionando o corpo em seco com Nivea a pele adquire um tom moreno, fica macia e defendida das queimaduras de sol. Nivea produz efeitos refrescantes.



Preço desde 6\$00

Pestana, Branco & Fernandes, Lda
39, Rua Sapateiros, Lisboa





...aqui

AMÉRICA



Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS
12.45	WRUS	30,9	WRUA	25,4	WKLJ	30,8		
13.45	WRUS	19,8	WRUA	19,8	WGEO	19,56		
14.45	WRUS	25,5	WRUA	25,5	WRUW	25,5	WBOS	19,7
17.45	WRUS	19,5	WRUA	19,5	WRUL	19,5		
18.45	WRUS	19,5	WRUA	19,5	WRUL	19,5		
19.45	WRUS	19,5	WRUA	26,9				
20.45	WRUS	25,3	WRUA	25,3	WGEA	25,3	WGEX	25,4
a	(Meia hora de programa especial)							
21.15								
21.45	WRUS	25,3	WRUA	25,3	WGEO	19,5	WGEX	25,4
22.45	WRUS	25,5	WRUA	39,6	WRUL	25,5	WKLJ	30,8
23.45	WRUS	25,5	WRUA	39,6	WKLJ	30,8		

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 19 e 45 às 20 horas.

Emissões diárias

OIÇA A VOZ da AMÉRICA em MARCHA

HELLO, AMERICA!

por ARTUR PORTELA

PELA segunda vez, num quarto de século, a América vem à Europa. Para quem conhece a órbita dos valores morais e a chama espiritual do novo continente, simbolizados na estátua que se levanta, nas águas do Hudson, junto da urbe newyorkina — Pearl Harbour foi, apenas, a condição duma atitude já fixada pelo idealismo histórico.

O primeiro apoio oferecido à Inglaterra, quando esta se batia intemerata e só, foi o dos Estados Unidos que, numa hora incerta e neocenta da guerra, assinavam em pleno Atlântico, um pergaminho solenemente butizado com o nome do grande oceano.

Foi essa a primeira mensagem dos Estados Unidos, aos quais, tantos por inadecorência crítica ou por lugar comum conceituoso, pretendiam, aliás numa estulticia interessada, remeter à doutrina de Monroe, como se os povos não tivessem de evolucionar em face dos acontecimentos e como se aquele país, força poderosa e fecunda da família humana, pudesse faltar ao imperativo categórico da sua consciência, no estreito campo das relações internacionais.

Quando os Estados Unidos, mais tarde, se associaram com o sangue dos seus soldados e a força das suas armas, à causa europeia, não faltou também quem os acusasse de pretenderem, no final da guerra, um primado económico sobre o velho continente e mesmo aquisições geográficas, aqui e ali, nomeadamente em Africa e na Asia.

A América, porém, não vendeu os seus armamentos, emprestou-os, ou arrendou-os, declarando, perentoriamente, que nunca os seus objectivos de guerra se podiam confundir com preocupações expansionistas, a qualquer titulo, ou sob qualquer disfarce.

Os soldados americanos regressarão, pois, à sua pátria, como na outra guerra, sem mais nada que os louros e o cântico da vitória. A abnegação não tem uma medida, nem os seus desígnios pesam na balança das relações entre os povos. São actos de puro sacrificio e de alta espiritualidade, que constituem autênticas lições de moral histórica — bem proveitosas para os que as esquecem ou falseiam, propositadamente.

Empregou-se como argumento de propaganda extreme, de resto rotundamente desmentido, pelos factos, que, as Nações Unidas, tanto pela sua estrutura politica, como pelo seu realismo, eram materialistas, fingindo-se assim ignorar que a Inglaterra, como os Estados Unidos, se batiam, afinal, pela integridade dos principios, a liberdade das nações e o respeito das consciências.

Em boa verdade deve-se à América uma contribuição gigantesca para a vitória da causa europeia. Distante, ela podia, egoistamente, ter feito a sua guerra — o que já seria dum valor decisivo. Mas, não! Como só um homem, uma só nação, do norte ao sul, do continente, o Novo Mundo alinhava contra a Alemanha, num bloco gigantesco, que deu ao conflito perspectivas certas, dum geometrismo rigoroso, desafiando os mais negros desígnios.

Olhemos a América como se fossemos um velho castelo, onde até as ruínas têm beleza. Será, assim, de facto, a Europa, mas nenhum de nós ao atravessar o Atlântico, para ali entrar, é obrigado a arrojar às ondas, de bordo dum vapor ou da carlinga dum Clipper, os seus papéis de identidade, com dezenas de séculos e uma civilização que irradia sobre o mundo, criando dezenas de nações. A América representa hoje, literária e artisticamente, um novo padrão de beleza, um novo tipo de cultura, uma nova época humana, cujas formas livres, francas e irradiantes se combinam, maravilhosamente, com as europeias, num todo — em que ela tem o sorriso da juventude, e nós, habitantes do velho continente, a gravidade da experiência.

Hello, América!



O general Eisenhower condecorando, no campo de batalha da Normandia, um soldado americano, por actos de bravura.

HUMORISMO DE GUERRA

Cem libras por dez cigarros

Vindo de Arcangel, um oficial narrou a seguinte história, asseverando que era autêntica.

Um marinheiro desembarcara com dez cigarros na algeibra. Por estes, ofereceram-lhe o dobro do seu valor.

Com o ditheiro, o marujo adquiriu uma dúzia de garrafas de vinho. Transportou-as para bordo, onde o dispensario, um homem muito curto de vista, lhe ofereceu duas garrafas de gin, em troca daquelas. Com estas de baixo do braço, o marinheiro acercou-se de um colega que se encontrava bastante sequioso e, por isso, trocou-as por seis mil cigarros. Novamente em terra, o marujo vendeu os cigarros. Com esta quantia comprou duas magníficas peles que vendeu a um comerciante por uma verba importante.

(The Daily Telegraph, Londres)

Um marido dedicado

Mary Hardwicke, a grande jogadora de ténis, casou com o soldado Hare, um dos membros do team detentor da teca «Davies». Há pouco tempo, o jovem casal entrou num desafio. Sempre que sua mulher fazia uma boa jogada, o soldado Hare encorajava-a, dizendo: «Boa bida madame Hare». E quando ela falhava, bradava o soldado: «Péssima jogada, menina Hardwicke!».

(The New-York Post, Nova-York)

Rapariga esperta

Um empresário contou-nos como uma rapariga conseguiu emprego no seu escritório. Quando ele lhe perguntou se tinha quaisquer habilitações especiais, ela respondeu-lhe que era exímia decifradora de palavras cruzadas e campeã de vários concursos.

— Muito bem — disse o empresário — mas nós aqui precisamos de alguém que seja esperto durante as horas do trabalho.

— Oh — desabafou da rapariga — Isso era mesmo durante as horas do trabalho.

(South African Business Efficiency, Johannesburg)

Foi assim...

Dois mulheres conversavam num passeio de barco.

— Não sabia que era avó — disse uma para outra.

— Pois é verdade — respondeu esta — é uma das crianças do sr. Bevin. A minha filha quis-te-la porque não queria trabalhar em nenhuma fábrica.

(Mona S. Speke)

Síntese

Provavelmente, a declaração mais simples e breve acerca dos objectivos de guerra foi feita por Jan Masarik, ministro dos Estrangeiros do governo checo, de Londres.

Acusou ele: «Quero ir para casa».

(The Form, Johannesburg)

Seja prático e económico

viagem na C. P.

Informações — em tôdas as estações da C. P. — em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 24031 — no Pôrto: — na Estação de S. Bento — Telef. 1722



GENERAL O'CONNOR

Rommel costumava dizer do general O'Connor: «É o único homem deste mundo capaz de me pôr nervoso». A escolheu o general Richard O'Connor para comandar as formações blindadas britânicas que operam com os exércitos britânicos no ocidente, traz para a luta na Normandia mais um veterano da guerra do deserto.

O general O'Connor realizou na outra guerra uma proeza pouco vulgar: foi promovido, no mesmo dia, em obediência à lei, de soldado a tenente-coronel.

O tenente-general O'Connor tem atualmente 55 anos e a sua carreira no decurso desta guerra tem sido particularmente aventureira. Depois da derrota da França seguiu para o Norte de África onde a sua competência técnica ia ter largo ensejo para se revelar.

Durante a primeira campanha da Líbia, O'Connor foi o comandante das formações blindadas que atacaram o exército de Graziani e o venceram. Era considerado o braço direito de Wavell e o seu mais categorizado colaborador. Foi a sua acção que contribuiu decisivamente no inverno de 1940-41 para a ocupação de Sidi-Barrani, Sollum e Bardia.

Feito prisioneiro, em Derna, em abril de 1941, com o seu camarada Philip Neame, foi levado para um campo de concentração até ao verão de 1943. Durante o cativeiro planeou muitas vezes a fuga que finalmente, lhe foi facilitada pelo colapso militar e pela crise política em Itália.

A escolha de O'Connor para o comando das formações blindadas que operam no Norte da França é considerada como uma indicação de que os tanks desempenharão um papel capital nas próximas fases da batalha da Normandia.

CRÓNICA INTERNACIONAL

A GRÃ-BRETANHA

na guerra e na paz

A Inglaterra entrou nesta guerra para cumprir a palavra dada. Em 3 de Setembro de 1939 tomou uma decisão irrevogável, da qual dependia todo o seu futuro para tomar os compromissos assumidos com a Polónia. Vinte cinco anos antes, em 4 de Agosto de 1914, procedera de maneira idêntica quando foi necessário honrar a sua assinatura posta no tratado que garantia a neutralidade da Bélgica.

Em 1914, o chanceler Bethmann Holvegg declarou que o tratado que garantia a neutralidade da Bélgica era um farrapo de papel. Em 1939, o seu sucessor da chancelaria do Reich considerara nulo o pacto de amizade germano-polaco assinado solenemente cinco anos antes. Nos dois casos tratava-se de saber se as relações entre os povos, como as relações entre os indivíduos, continuariam a fundamentar-se no cenáculo sagrado dos compromissos assumidos ou se, pelo contrário, era a arbitrio que ia regular, no futuro, a vida internacional. A Inglaterra tomou claramente posição. E foi em nome do princípio supranacional que não admite o mundo como uma selva de apetites à solta que os seus filhos partiram para os campos de batalha.

A Inglaterra, na hora crucial em que iam jogar-se os seus destinos, estava desarmada. Enquanto os seus adversários haviam feito da indústria de guerra uma indústria nacional, ela advogara colaboração internacional, preparara a segurança colectiva, argumentara com o pacto da Sociedade das Nações e com o pacto Briand-Kellogg que punha a guerra fora da lei. Os combatentes de Dunquerque e de Creta, da Grécia e de Torbruk sabem o significado profundo dessa diferença de concepções e de métodos porque a pagaram com sangue e sacrifício.

Aniquilados os seus aliados da primeira hora, pela superioridade material dum inimigo que se havia preparado cuidadosamente para a prova de força que se tornara inevitável, a Grã-Bretanha ficou sózinha em campo. «O futuro se encarregará de dizer um dia, que foi essa a hora mais bela da sua história». Em junho de 1940 era assim que falava o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha. Aquela foi, realmente, a hora mais bela da sua história. Sucederam-lhe o «blitz» sobre as cidades britânicas, a campanha dos submarinos desenhando à volta da ilha o espectro da fome, a ameaça quotidiana da invasão suspensa sob a cabeça dos seus filhos. Tragicamente só, a Grã-Bretanha resistiu sempre.

Os tempos mudaram e com os tempos mudou o futuro. A guerra que é ainda uma realidade bem viva parece já uma recordação incómoda a desvanecer-se. E 'da paz que se trata agora, da paz que urge construir e organizar.

Os homens da Inglaterra, os seus intelectuais, os seus diplomatas e os seus jornalistas estudam ardentemente as questões postas pela organização da paz e procuram resolvê-las desde já, de acordo com o interesse geral, ao mesmo tempo que tratam da reconstrução do seu próprio país, duramente atingido pela guerra, e da transformação da sua vida que deu ao mundo, em cinco anos de luta, o exemplo sem par do funcionamento perfeito das suas admiráveis instituições políticas.

O OBSERVADOR

João de Barros

O sr. embaixador do Brasil, numa cerimónia de nobre elevação espiritual, entregou ao grande poeta João de Barros, as insígnias da Grã-Cruz da Ordem do Cruzeiro, com que o governo daquele país o homenageou, num gesto de destacante relevo.

Usaram da palavra o sr. dr. Neves da Fontoura, que traçou, em luminosas palavras, o perfil moral e intelectual do dr. João de Barros, e este que, num brilhante improviso literário, exaltou a grande pátria brasileira e o corpo expedicionário daquele país que já se encontra na Europa, combatendo ao lado das Nações Unidas.

Normandia

Um ataque sem precedentes levado a efeito durante o dia 19 pelo general Montgomery na linha de Orne, o qual foi precedido do mais gigantesco bombardeamento aéreo realizado até hoje num campo de batalha (estiveram no ar mais de 2.200 aviões aliados) obrigou o marechal Rommel a abandonar o sistema defensivo que tinha preparado em volta de Caen para retardar o avanço do 2.º Exército britânico do general Dempsey.

O general Montgomery avallou, assim, o número de baixas sofridas pelo inimigo na batalha da Normandia: mortos, 16.000; feridos, 80.000; prisioneiros, 60.000. Total, 156.000 baixas.

Itália

A tomada de Livorno e Ancona, terminou uma das fases mais brilhantes da campanha conduzida pelo general Alexander.

O marechal Kesselring foi ao Quartel General do Fuehrer onde foi agraciado. Como se sabe, os aliados completaram a ocupação de mais de dois terços do território italiano.

Kesselring, teria submetido à apreciação das autoridades alemãs três planos que se resumem na retirada total das suas tropas para a linha dos Alpes.

Luta aérea

A aviação aliada voltou a desenvolver uma actividade excepcional sobre o território inimigo. Os seus principais ataques foram realizados contra o sistema ferroviário da França, em 18 de Julho, e contra a cidade de Munich, em 19. O primeiro bombardeamento foi levado a cabo por 1.200 bombardeiros e o segundo por 500. No ataque contra o sistema defensivo de Rommel, em Caen, foram lançadas mais de mil toneladas de bombas.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENA

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de Mundo Gráfico, L.º

Redacção e Administração: Rua das Gâveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 25240

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



A vitória. As tropas inglesas entram em Caen. Foram estes os primeiros soldados que atravessaram as ruas da cidade

A GUERRA acaba êste ano

O general Montgomery pensa que a guerra pode acabar êste ano. O vencedor de Alamein tem as suas razões para falar assim. Ninguém dirá, certamente, depois das provas por êdadas no campo da batalha, que a sua afirmação é prematura ou impensada. O general Montgomery tem as suas razões para falar assim. Essas razões derivam dum conhecimento exacto que possui das condições em que a luta está a desenrolar-se nos vários teatros da guerra.

Um exame, mesmo pouco aprofundado, dos acontecimentos ocorridos nas últimas semanas e, especialmente, na última quinzena, levam a uma conclusão idêntica à sua: Os Aliados con-



Humanidade. Um soldado inglês salva das ruínas de uma casa, a ingida por uma bomba voadora, a pequena Barbara Jones

O que se passou em Cherburgo. A rendição do general von Selieben, comandante da defesa, e do almirante Hennecke às forças americanas





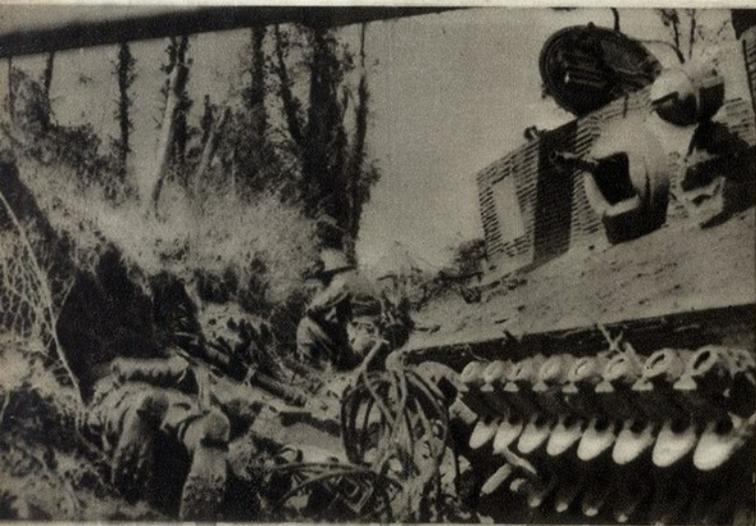
Na Itália. Como o 8.º Exército tomou Castiglione

duzem, sem desfalecimentos, a sua ofensiva concentrada. Por toda a parte ela tem feito progressos de tal maneira evidentes que não se vê muito bem como a sua conclusão deixará de ser uma vitória rápida e definitiva.

A resistência alemã na Normandia é obstinada. Mas a testa de ponte vem se alargando desde a data do primeiro desembarque, em 6 de junho, inexoravelmente.

A ocupação de Cherburgo e de Caen marcou o ponto culminante na primeira fase da ofensiva aliada a ocidente. A ocupação de Cherburgo deu aos anglo-americanos o porto de que eles necessitavam para pôr em terra o material pesado necessário ao prosseguimento da luta. A tomada de Caen abriu-lhes o caminho de Paris. Há ainda, no teatro de operações ocidental, muitas

(Continua na pág. 29)



Despojos de guerra. Um tank pesado alemão atingido pelo fogo da artilharia britânica, na Normandia



Em Assis. Os frades italianos saem dos seus mosteiros a fraternizar com os soldados ingleses

Cidade ocupada. Os alemães foram desalojados deste centro urbano, deixando a cidade em chamas

O EXÉRCITO INGLÊS CONQUISTOU CAEN

Depois dos bravos soldados de Montgomery terem ocupado a cidade, este tommy sorri para o repórter fotográfico, correspondente de guerra





Um repolhudo chapéu que tem a sua elegância. O enerespado da fôlha coroa admiravelmente esta linda cabeça, podendo ainda ser utilizado como pulseira



Estas ervas altas e esguias substituem perfeitamente as aigrettes



Um chapéu de couve cujo defeito é ter a duração das rosas de Mallerbe

CHAPÉUS VEGETARIANOS



Uma encaracolada fôlha de espinafre, adornada por um malmequer, torna mais bela esta encantadora cabeça

NÃO se trata duma lei da moda, embora neste capítulo tudo seja possível; mas duma espirituosa fantasia que ainda pode vir a ser útil nos tempos de crise que vão correndo. Como sabem êsse pequeno, inverosímil e fantástico objecto que a mulher coloca à cabeça, está sujeito a fôdas as possíveis variações e criações. Hoje pode ser demasiadamente grande, alto como uma catedral e florido como um jardim na primavera, para amanhã quasi desaparecer, na sua insignificancia, descendo três andares. A rosa vermelha é substituída por uma panóplia de caça e pelas fôlhas sêcas e doiradas dum outono sem poesia. Também pode não ser nada disto, nem coisa alguma, que não deixa por isso de ser, com a sua elegância, com a

(Continua na pág. 28)



Dois girassóis. Não são mais belas as flores verdadeiras do que as artificiais?

A cena não é inédita e o cenário não é novo. Um cavalheiro e duas senhoras. Às vezes, é só um cavalheiro e uma senhora. No caso presente, o cavalheiro jogou mais pela certa. Eram duas senhoras e alguma delas devia engrasçar com êle. O leitor — não vamos dizer que tenha sido já herói de episódios como este — de certo tem sido testemunha. Conhece a técnica do chamado Sr. Atrevido. É bem simples, como se vê pelas imagens. Basta audácia e... seja o que Deus quiser. Nem, sequer, é preciso fechar os olhos como quem mergulha pela primeira vez. Antes pelo contrário — há que tê-los bem abertos, por causa das conseqüências...

Este Sr. Atrevido não teve mau gosto. Viu duas raparigas gentis, emperligou-se, deu



O sr. Atrevido viu passar a loira e a morena. Elas olharam, êle agel-tou o nó da gravata e...

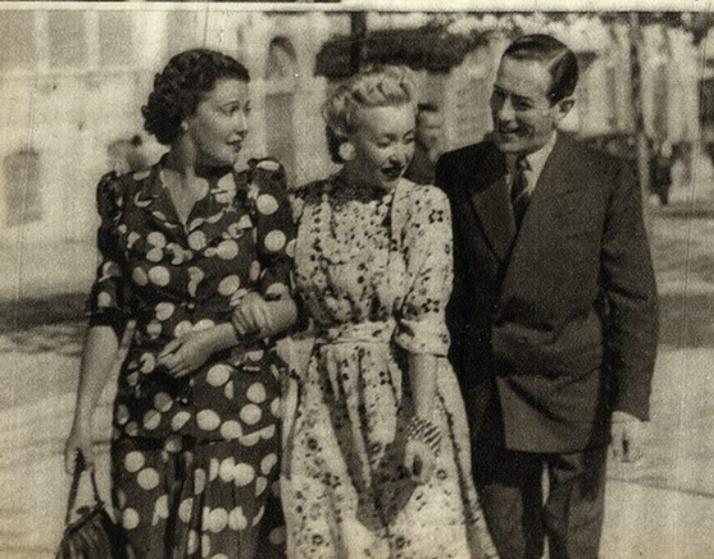
um singelo toque no nó da gravata (as senhoras nestas circunstâncias costumam levar a borla do pó de arroz à cara) e resolveu segui-las. Não teve de andar muito. Logo ali adiante, elas deram pelo perseguidor. «Era simpático, tinha um ar «bem» e, talvez, pudesse vir a ser um bom partido». Tudo isto ambas pensaram num segundo — é o que os leitores julgam. Mas enganam-se redondamente. Só a morena pensou nisso, porque ainda perde tempo em sonhos e coisas românticas. A loira não pensou nada e, por isso, adiantou-se na conquista do sr. Atrevido. Mas este, no fundo, não passa dum admirável gosador, sem conseqüências perigosas. Anda na rua apenas — para ver andar as outras...

(Continua na pág. 30)

UM SR. ATREVIDO



Em cima: O sr. Atrevido, com o sorriso cinco de quem não sabe bem por qual decidir-se; em baixo, à esquerda: Êle parece ter preferido a loira, mas repara no ar desdenhoso da morena; à direita: o melhor é decidir-se por ambas e o resto... virá depois



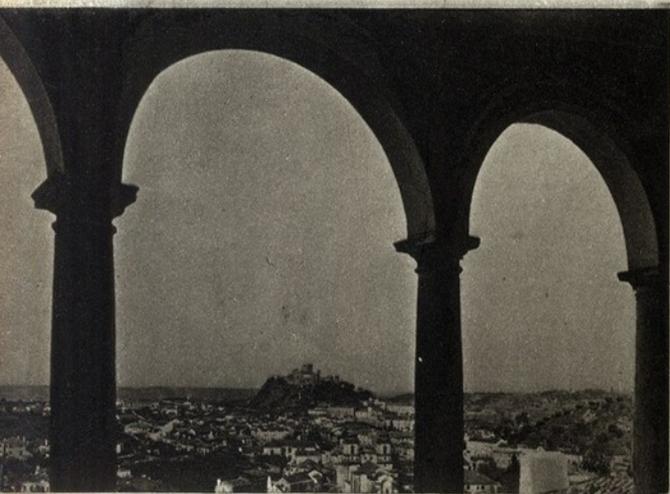
BRAZÕES DE HEROÍSMO

OS castelos de Portugal são os braços de heroísmo da nossa história. A sua pedra morena converteu-se em ouro de epopeia. Todos eles recordam alguma coisa de grandioso na vida nacional. Ali se combatem, nos primórdios da fundação da nacionalidade e, depois quando foi preciso consolidá-la, com mais bravura do que homens, com mais sacrifícios do que armas. Uma vez conquistados, ou edificados, foram sempre portugueses.

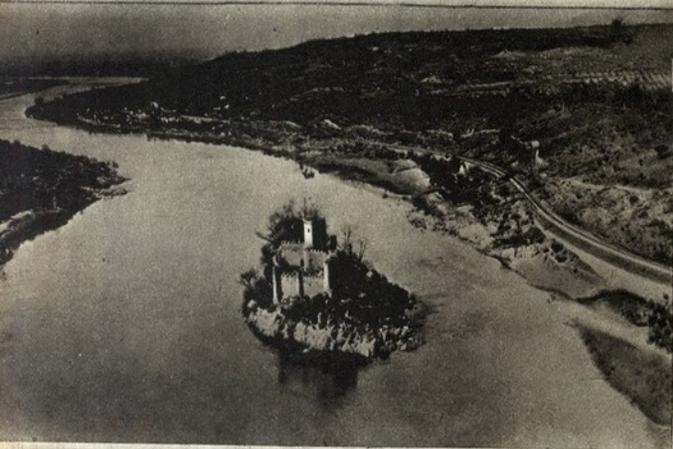
Há dezenas por esse país fora — uns mais belos que outros, correspondendo a cada, um capítulo de história viva. Guimarães, lume primeiro de Portugal, pequeno e esbelto, mas de muralhas invencíveis. O de Almourol, que defendia as planícies do Tejo, tão belo na sua arquitectura, que parece inventado, se não água forte duma balada romântica. O de Leiria, com o seu paço manuelino, de que resta, apenas, uma janela maravilhosa de mármore. O de Beja, do qual ficou a torre de menagem, tão esbelta e graciosa como a Giralda de Sevilha, e que nunca se rendeu — nem na guerra, nem ao tempo e que parece, na sua altura, rasgar o céu como um lábaro de vitória.



Bronze heroico. A estátua do fundador de Portugal, vendo-se ao fundo o castelo de Guimarães



Na brancura imaculada da cidade do Liz e do Lena, destaca-se o ninho de águilas do castelo alfonsino



Um dos mais belos testemunhos da história-pátria, o castelo de Almourol na sua insua encantada do Tejo



A altaneira torre de menagem, que defendia Beja. Parece uma filigrana de arquitectura



No colégio da Vila de Impington, a classe superior de geografia faz exercícios práticos

OS COLEGIOS RURAIS na GRÃ-BRETANHA

por DAVID THURLOW

UM jovem inglês, Henry Morris, concebeu um novo sistema de educação que é único no mundo. Morris pôs em prática a sua concepção logo que a guerra rebentou. E, apesar de todas as circunstâncias criadas pelo conflito, essa realização teve um êxito tão extraordinário que poderá servir de modelo, na Grã-Bretanha, a um plano absolutamente novo de instrução e de formação das populações rurais.

Eis a história de quatro colégios rurais que são dignos de ser comparados, pela sua concepção arquitectural e pela sua organização interna, das melhores cidades do mundo. A história começa em 1925, quando o Comité de Educação do condado de Cambridgeshire recebeu um memorando de Morris sobre a instrução e a educação no campo. Morris, era, então, secretário para a Educação no conselho provincial de Cambridgeshire e a construção do primeiro colégio rural da Grã-Bretanha foi, precisamente, o resultado das idéias que ele expunha no seu memorando. A importância considerável deste novo progresso na instrução tende precisamente ao equilíbrio indispensável entre a cidade e o campo.

A Grã-Bretanha não é o único país onde se vê a população dos campos

(Continua na página 30)



No mesmo colégio há cursos noturnos, para jovens e adultos, de serralharia mecânica. Daqui têm saído os melhores operários da Grã-Bretanha



Não há uma escola na Inglaterra onde a educação física não ocupe lugar de relevo. À noite, há palestras educativas para os habitantes da vila. Um dito de espírito vem sempre a propósito para amenisar a dissertação





O cão, antes de ir para os campos de batalha, é convenientemente adestrado



Na frente da Normandia, os cães foram utilizados nos serviços de escuta e pista do inimigo



Este cão doente é carinhosamente tratado por um veterinário, no teatro de guerra

CÃES *de* GUERRA

COMO os homens, os cães fazem a guerra. Não se julgue que seja fácil a-pesar da inteligência rara deste animal, amestrá-lo rapidamente no ofício bélico. Mas vale a pena, porque graças a ele se tem salvo muitas vidas e descoberto, por vezes, o inimigo que se aproxima das primeiras linhas, a coberto da noite — a grande camulladora das surpresas.

Na Inglaterra existem numerosas escolas para o adextramento desses animais. Devemos dizer que o *dog* britânico é dotado de excepcionais qualidades. Nesta guerra já prestou relevantes serviços. O seu professor é quase sempre um soldado, que o treina em diversos campos — planícies, obstáculos, malagais, figurando, imaginosamente, com objectos, quem se pretende que o cão surpreenda, auxilie, ou socorra. É pelo faro, um detector excelente. Sabe, como os homens, se não melhor ainda, passar despercebido, sem se trair por um ruído, e, sobretudo, lançar-se, no campo de batalha, para ir encontrar

(Continua na pág. 30)



Estes são cães estafetas, ao serviço do Exército inglês

O DIREITO À BELEZA

PODE dizer-se que a mulher, no século XX, conquistou todos os direitos — até o direito da ser bela, através dos exercícios desportivos. Esse grande movimento de ar livre, ginástica, ritmo físico, elegância de atitudes, partiu da Inglaterra e conquistou, pacificamente, o mundo. A mulher, sem deixar de ser, femininamente delicada e frágil, é agora mais vigorosa e humana como Pallas Atenéia. Diz-se-ia que, integrando-se na natureza, renovou a sua estatuária académica, descobrindo uma fonte inesgotável de alegria e de mocidade. De facto, se a imobilidade é a morte, o movimento é a vida.

Pode agora dançar menos, mas sabe nadar melhor. E quando arremessa no espaço, numa maravilhosa propulsão a bola de «ténis», numa atitude vibrante, há nela alguma coisa de alado, de dinâmico, de triunfal — a graça que se converte em força e eurytomia, tão consciente do seu domínio como da sua beleza.



Não há como uma bola para aperfeiçoamento da educação física. Os braços erguidos abrem o torax enquanto todos os músculos estão em actividade



Exercício de agilidade. Estas duas raparigas são magníficas atletas



Como se desenvolvem os músculos dos braços. Duas ou três elevações, uns exercícios respiratórios depois, e os resultados são magníficos

Os ramos da árvore servem de guarda roupa. Elas vivem a alegria do desporto e do ar livre

A GRÃ-BRETANHA NA GUERRA

**OS SEUS SOLDADOS,
COMO OS SEUS MARI-
NHEIROS E AVIADORES
BATEM-SE
EM TODAS AS FRENTES**



O proprietário do estabelecimento, que já voltou à actividade, apesar da sua loja se encontrar em ruínas, decorou-a orgulhosamente com as bandeiras inglesa e francesa

DEPOIS DA VITÓRIA



Estes soldados dos tanks, que tão bem se bateram na Normandia, pediram a estas duas gentis francesas que lhes lavassem a roupa



O final da batalha de Caen. Uma metralhadora Hotchkiss, postada à esquina de uma rua, esta prestou magníficos serviços



A FRENTE DA NORMANDIA

Um soldado britânico salva uma criança francesa da inundação provocada pelo inimigo e ainda teve tempo de ir à Intendência arranjar uma garrafa de leite

Nas ruas de uma cidade francesa, um destacamento inglês procede a operações de limpeza

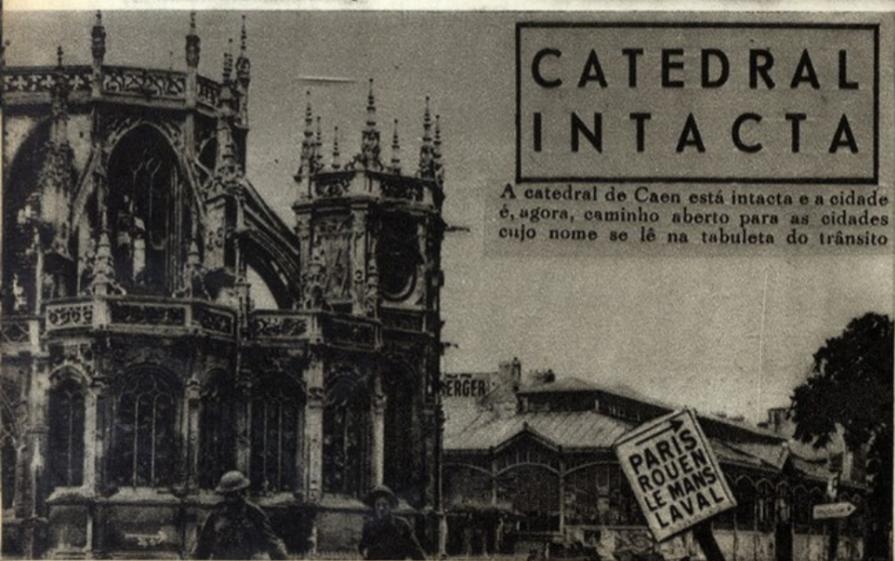


A popularidade de Montgomery. A população normanda saudou entusiasmadamente o conquistador



Um aspecto de Caen durante a batalha para a posse da cidade

A CONQUISTA DE CAEN PELAS TROPAS INGLÊSAS



CATEDRAL INTACTA

A catedral de Caen está intacta e a cidade é, agora, caminho aberto para as cidades cujo nome se lê na tabuleta do trânsito



AMIZADE FRANCO-BRITÂNICA

Os soldados britânicos, na Normandia, auxiliam os civis na defesa dos seus haveres de algumas casas atingidas pelo bombardeamento



O INIMIGO ABANDONOU O CAMPO DE BATALHA



PRISIONEIRO DE GUERRA

Este prisioneiro alemão é conduzido para a retaguarda pelos soldados ingleses



Uma fotografia simbólica. Este soldado inglês auxiliou o regresso ao lar desta família de Caen, que contempla, agora, enternecida

A LUTA FINAL



As freiras de Mercy, em Caen, ajudam os civis a transportar os seus haveres, no regresso à cidade, que só se efectuou depois das tropas do general Montgomery ali terem dado entrada



Uma secção de engenharia inglesa atravessa um bairro arruinado de Caen, no intuito de descobrir minas ou outros explosivos que o inimigo tivesse deixado na cidade



O bom inglês faz a barba todos os dias, onde quer que se encontre e sejam quais forem as circunstâncias. Este soldado, improvisou neste resplendor a sua barbearia



Uma patrulha de exploração passa busca minuciosa às casas abandonadas pelo inimigo



Através do telescópio da sua espingarda, este atirador vigia os movimentos do inimigo



Estes três americanos que são o tenente Keith Blean, de Ilion, e os sargentos Baldridge, de Quitman, no Arkansas, e Stern, de Johnson City, já causaram, só à sua parte, cem baixas no inimigo, no primeiro dia da invasão da Europa

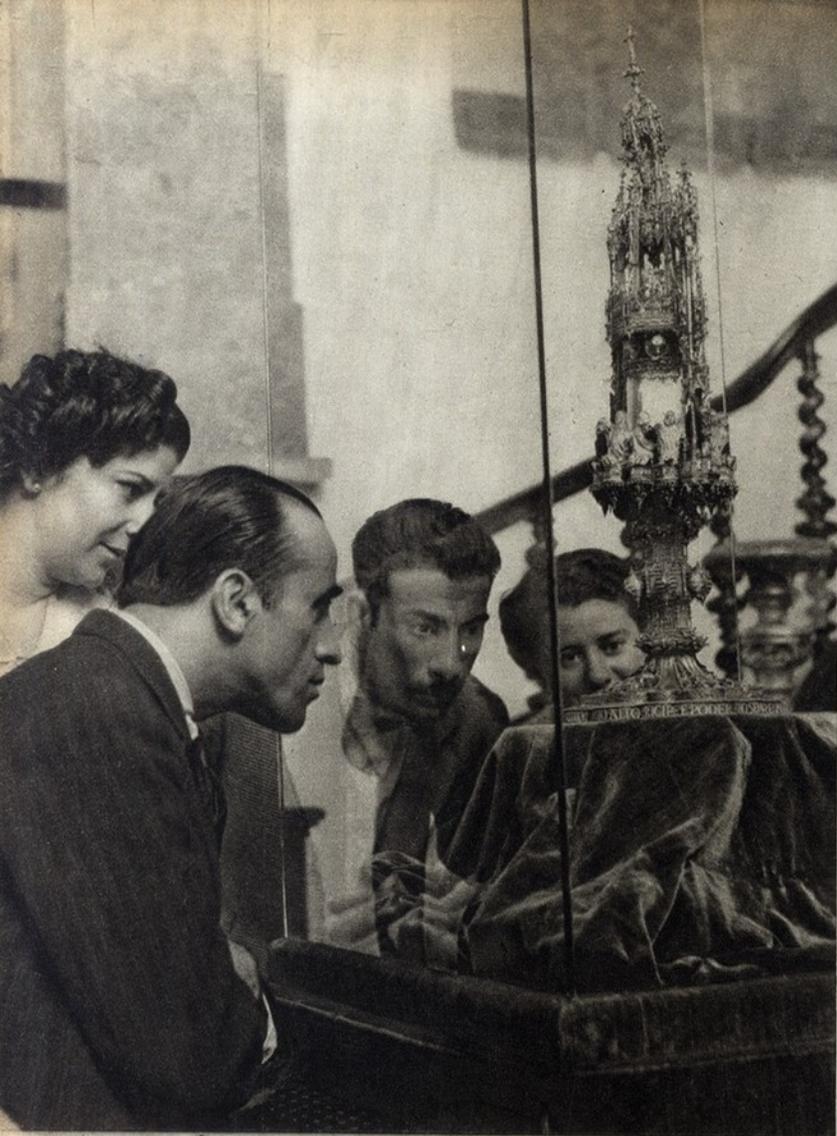
Apesar da defesa do inimigo, britânicos e canadianos, a exemplo do que se passou na campanha de África, dirigida por Alexander, realizaram o seu objectivo — Caen



O 8.º Exército continua a avançar na península italiana encontrando-se já na parte meridional do país. Um canhão montado, de 70 toneladas, apreendido ao inimigo



Estas ruínas, a posição destes soldados junto da sua basuka, recordam os cenários dramáticos da outra guerra. A luta para as Nações Unidas prossegue com a finalidade da vitória



A custódia de Belém, feita com o primeiro ouro que veio da Índia, obra de mestre Gil, o dos autos



Na sala dos primitivos portugueses que, por vezes, se converte numa aula de pintura



Um magnifico Gobelin, que é vivamente admirado

O MUSEU DAS JANELAS VERDES

Um quadro, da escola portuguesa, que tem o misticismo e a suavidade duma pintura de Leonardo de Vinci. O crítico de arte toma as suas notas



O ambiente de um museu de arte é o mais aliciente e absorvente para as pessoas que colocam acima das comodidades da existência, a luz essencial que gera o sonho e torna os homens diferentes dos seres inferiores.

Lisboa é uma cidade na qual se podem passar horas contemplativas na adoração de notáveis obras de arte carinhosamente recolhidas nos museus.

Dir-nos-ão que não possuímos a grandeza assombrosa de um «Bristch Messeum», de um «Louvre», de um «Prado».

Temos num entanto notáveis repositórios de infundáveis tesouros artísticos. E, diga-se de passagem, alguns dos nossos museus não têm iguais em outros países. Está, neste caso o «Museu dos Coches», o mais completo no seu



Uma escultura de sabor arcáico, maravilhosa de verdade humana



Depois de percorrer todas as quadras do Museu das Janelas Verdes, este descanso da visitante em frente duma suave virgem de Morales, parece uma oração à beleza



O crítico de arte chama a atenção para a leveza das roupagens da estátua

O átrio do novo edifício está lindamente decorado. Uma tapeçaria do século XVIII

género que existe. Disso nos podemos orgulhar. São os estrangeiros que fazem esta justa afirmação.

Outros, porém, existem cuja história e beleza não são vulgares.

O nosso público, que fôra um tanto rebelde a aceitar o «convite» para a visita nos museus, já hoje se val interessando por tão útil e instrutivo passatempo.

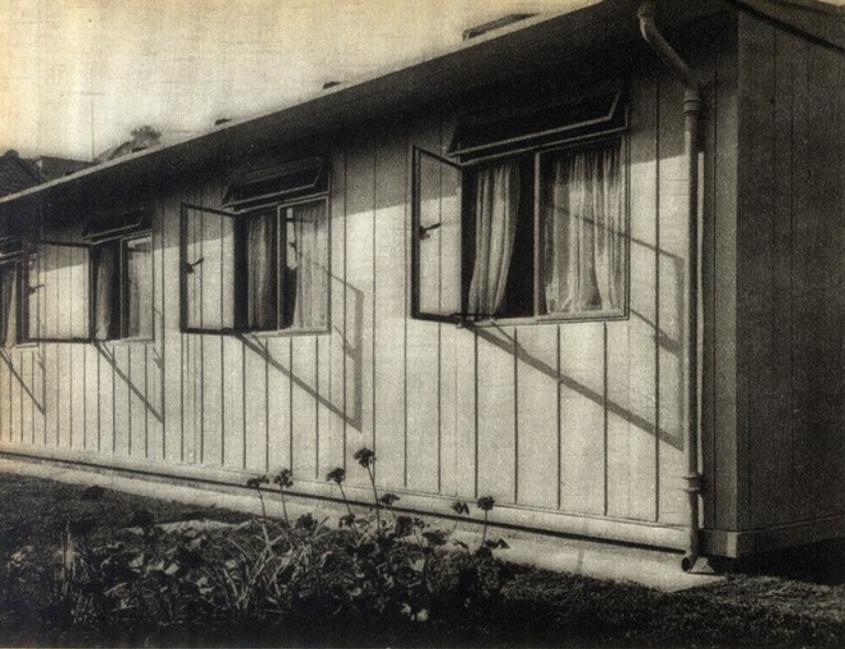
No «Museu de Arte Antiga», onde se guardam raridades preciosíssimas de pintura, aumenta dia a dia o número dos seus visitantes. E facto digno de nota: quem o visita pela primeira vez, não deixa de lá voltar duas, três, muitas vezes, no desejo insatisfeito de completar a sua educação artística e, também, de sentir indizível prazer de espírito.

De uns momentos que lá passamos, trouxe-mos esta visão consoladora: a nossa mocidade, principalmente a feminina, tem o hábito civilizado de por lá perder horas e horas, admirando, copiando outros, comentando escolas e épocas.

A luz suavemente coada através das suas galerias tem certas gradações místicas, tal como a penumbra que passa e se suavisa nos dos vitrais. Pois a arte também possui a sua religião — e esta chama-se beleza.

— «Os nossos primitivos ainda hoje nos parecem modernos». Ouvimos murmurar ao nosso lado. E quem proferia esta frase? Um

(Continua na pág. 30)



TRABALHA-SE hoje, activamente, em Inglaterra, na preparação de um imenso programa de reconstrução que começará a ser executado logo após a derrota alemã. Entretanto, haverá um período de urgência, que durará dois anos, durante o qual serão satisfeitas as necessidades mais prementes; depois, seguir-se-á um ciclo de dez anos, durante o qual as construções serão realizadas o mais rapidamente possível.

Durante os dois primeiros anos que se seguirão à paz europeia, será necessário construir um milhão de casas. Mas, na hora actual, mais de metade dos trabalhadores de construção civil estão a combater ou nas fábricas de munições e outros só poderão ficar livres após a derrota do Japão.

Os pedreiros que restam não poderão construir, durante esse período, mais de 300.000 casas segundo o processo tradicional de edificação em telhos. Para eliminar a falta, necessário se torna recorrer a um processo novo. Eis porque o governo britânico decidiu construir, em grande série, nas oficinas, 500.000 casas provisórias que podem ser montadas rapidamente, sem atrasar coisa alguma o plano de 12 anos previsto para a construção de quatro milhões de casas em telhos.

Por isso, aproveitando a indústria de guerra, concebeu-se a construção de casas de aço cujas peças poderão ser produzidas com a mesma rapidez que as dos aviões e dos blindados durante o conflito.

Ainda que as famílias não habitem estas casas, senão provisoriamente, cuidou-se de as dotar com as melhores comodidades. A casa é pequena — tem apenas 616 pés quadrados — mas, mesmo assim, tem uma sala de reunião fami-

(Continua na pág. 30)

Uma das faces das casas de aço, com suas quatro amplas janelas. O revestimento metálico dá-lhe a rigidez necessária

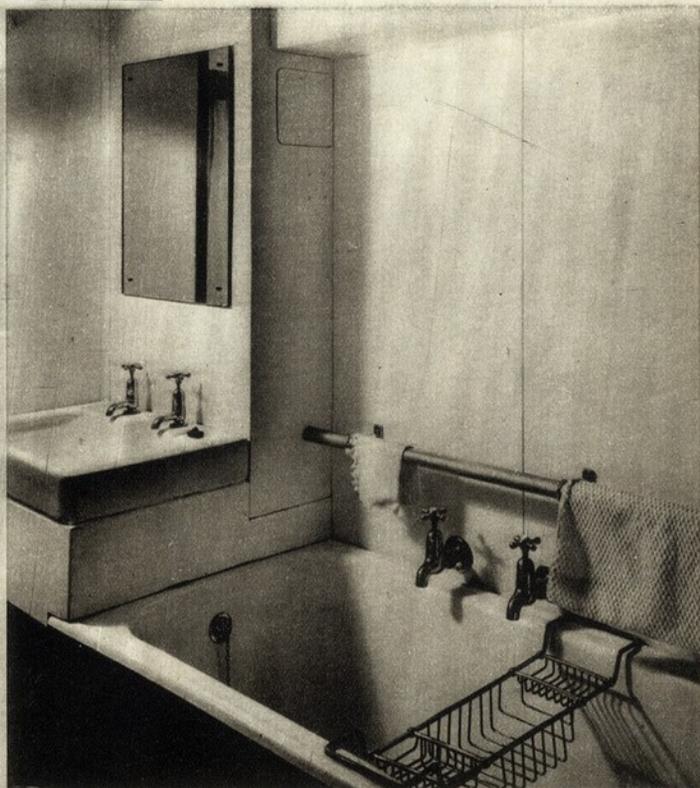
CASAS de AÇO

por PHILIP MURRAY



Um canto da cozinha, vendo-se o fogão de gás, frigorífico, lavatórios e armários

Esta é a sala de estar, onde não falta um cómodo «maple» e o «schauffage» →



A casa do banho, cheia de simplicidade, com todos os espaços bem aproveitados



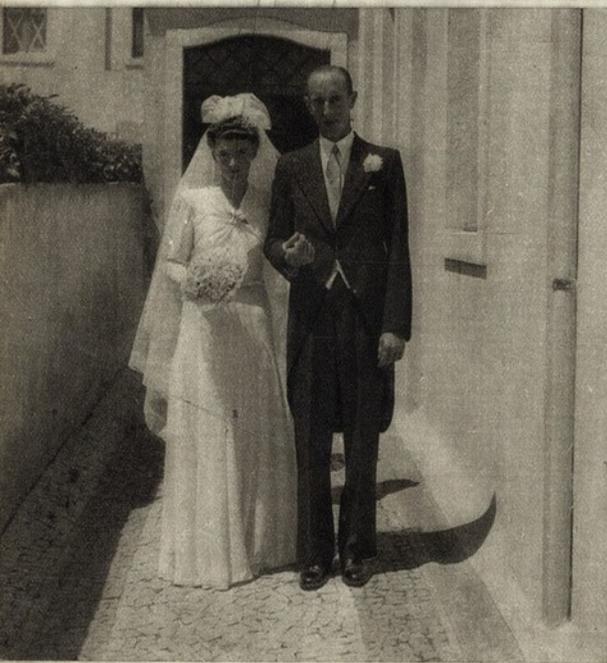
FIGURAS E FACTOS



O sr. embaixador da Inglaterra, com sua esposa, recebendo os repatriados ingleses vindos da Alemanha e dos países ocupados



S. E. o Cardinal Patriarca proferindo a sua alocução, no momento de partir para a viagem a Lourenço Marques



O casamento do sr. Wan der Merwe, adido de Imprensa da Legação da África do Sul, com miss Bucknoll



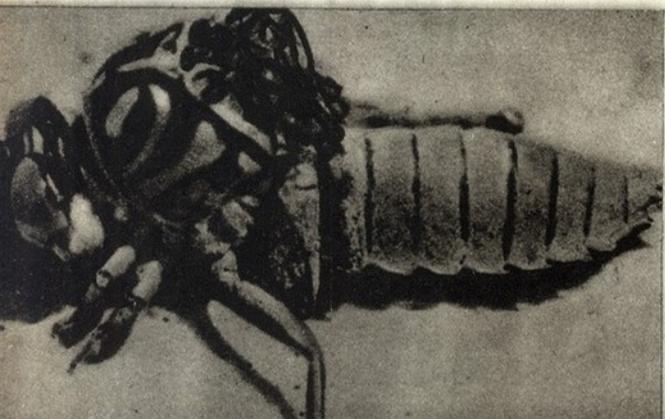
O Cardinal Legado despedindo-se, a bordo do «Serpa Pinto», da multidão que se encontrava no cais

← Religiosas britânicas, que chegaram no combóio, dos repatriados, vindas da França



A transformação de uma ninfa de libélula em insecto perfeito é uma das maravilhas da natureza a que cada qual pode assistir no princípio do verão. Dos ovos de libélulas depositados, quer à superfície, quer debaixo de água, pelo macho e pela fêmea nas plantas aquáticas, saem as larvas que passarão por quinze estados de transformação. Ficarão na água entre um e três anos, segundo a espécie a que pertencem (contam-se cerca de 2.500 diferentes) devorando larvas de mosquitos e até mesmo pequenos peixes.

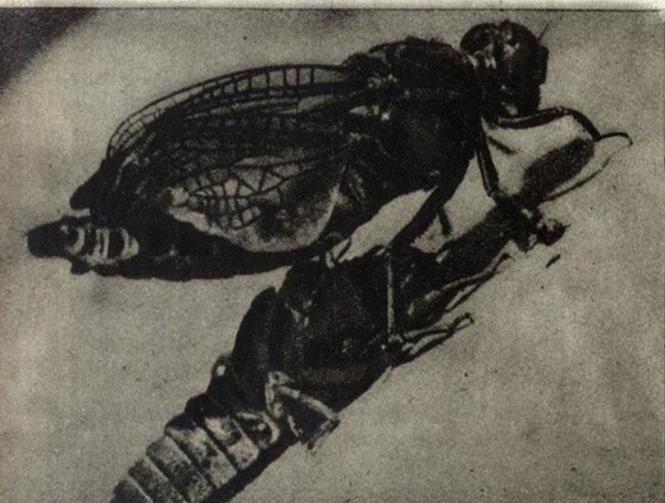
Logo que a ninfa atinge a maturidade completa, põe-se a caminho e sai da água, procurando um lugar batido pelo sol, para secar. E', então, que se opera a transformação final. O insecto sairá, a pouco e pouco, por uma fenda longitudinal e desenvolver-se-à como mostram as fotografias. O desenvolvimento dos dois pares de asas compostas, cada uma, de mais de 3.000 células maravilhosamente coloridas é, por si, obra magnífica da natureza e parecendo que o insecto deveria ser aquático, êle pode voar muito longe, a uma velocidade que atinge oitenta quilómetros à hora.



Uma hora depois da larva sair da água, a libélula, já na sua forma definitiva, lança-se no espaço. A vida repugnante que se arrastava no lodo, converteu-se num elegante insecto de simitantes cores, cujo nome simbólico já tem sido aproveitado para as fantasias de «music-hall»

A larva abandona a água onde viveu. Com a chegada da primavera, opera-se a metamorfose. Coloca-se numa parede onde vai secar ao sol. As quatro asas estão ainda contraídas nos pequenos envólucros

*Um insecto que voa
a 80 quilómetros
à hora*



Depois de laboriosos esforços, o insecto conseguiu quebrar a crisálida. Desprende lentamente os membros e o corpo da pellicula verde-acinzentada que os envolvia. As asas, como se vê nesta fotografia, já se libertaram mas ainda estão dobradas

Todo o corpo se desprende. Em breves minutos, a libélula estende-se e alonga-se, anel por anel, como um óculo

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

FOLHEANDO FIGURINOS

A MODA de hoje é um misto de graça e complicação — mas é graça acima de tudo.

Combinações de cores fortes, opostas, juvenis, blusas formando variedade de conjuntos.

Mangas muito curtas, outras com imensa roda, tanto na que vai até ao cotovelo como na que desce à mão. Corte simples, queda harmoniosa. Muito braço nú.

Há na moda uma espécie de... como dizer?... de nobreza: corpos blusados, mangas rodadas, folhos em cascata. Pequena nota de rigidez: o cinto alto, bem apertado, na ânsia, cada vez maior, de tornar a cinta extremamente fina.

Nos vestidos de tarde, a roda, em geral, é à frente e sobre as ancas.

Nos estampados, a guarnição n.º 1 é constituída pelos drapés.

As blusas são, como disse, a variedade que forma imprevido e sedução. Fazem-se em tôdas as cores, desde o encarnado que acompanha saias pretas e é guarnecida a veludo negro, à branca de seda natural, género camiseiro. Organdi, estampado, pintinhas, escocês, bordado suíço, linon, renda, tafetá musselina — cada qual com a sua nota pessoal.

Pessoas magras ficam no primeiro plano da moda se tiverem os ombros drapejados.

Em vestidos de jersey executam-se figuras geométricas por meio de pregas: depois deixa-se cair a roda à vontade.

O casaco do *tailleur* irá descer? — Dizem que sim, mas nada há, por enquanto, ao certo, que o possa afirmar.

Também dizem que vêm as copas baixinhas e, no entanto, anda por aí cada Torre Eiffel!



Um elegante vestido cujo modelo o Harper's Bazaar nos mandou para as nossas leitoras



Um saia-e-casaco para passeio. Um dos «motores» da «carruagem» teve uma «pane»...



Outro modelo requintado do famoso Harper's Bazaar

Gaby
COUTURIER

RUA BRAAMCAMP, 6, R/C.
Telef. 4 3735

LISBOA

CASA QUEY

Hosiery Spécialités

OUT SIZES

MAISON FRANÇAISE

RUA SERPA PINTO, 18



D'ARGY

CREME DE BELEZA VITAMINADO, PÓ DE ARROZ E ROUGE

Eça, a estátua e a sombra de Acácio

A julgar pelo que alguns orsões da imprensa têm referido, Eça de Queirós vai ter condigna comemoração ao seu talento.

Os livros de Eça, dado o seu preço pouco acessível às magras bolsas, não estão tão conhecidos entre o povo como era lógico que estivessem.

Quem sabe se o palavroso Acácio não sentenciaria a tal respeito que os grandes escritores não devem «descer» até aos pobres? E justificaria o dilate desta forma solene, proferindo: «tornar conhecido o talento é, de certo modo, banalizá-lo».

A respeito de Eça de Queirós ou, melhor dizendo, em relação aos que são irracionalmente felizes e ignorantes, está-nos a brincar na memória este diálogo que lêramos num volume de Silva Pinto. — Dias antes da inauguração do monumento ao romancista de «Os Maias», dois indivíduos «respeitáveis», esboçavam significativo diálogo em frente da estátua ainda oculta sob largos panos. É desta teor:

— Que diabo será isto?

— O outro explicou:

— Maluquices para gastar dinheiro! Dizem que é a estátua de uma espécie de Camões, como se não houvesse mais em que pensar!

E o outro, com ar moralizador, acrescentou:

— Eu não digo que não se faça uma estátua a homem que a mereça: por exemplo, a um ministro, a um vereador, a um capitalista, a pessoas de consideração; mas o tal Camões que vem para aqui, para o largo do Quintela, prejudicar o belo efeito da primeira, pelo que tenho ouvido era um dependente que escrevia livros por não saber fazer outra coisa.

! Isto passou-se há muitos anos.

M-u delizioso Eça, ainda hoje será difícil encontrar modelos iguais entre pessoas «respeitáveis»?

Génio da Tragédia

SEM o conhecimento do génio trágico de Esquilo e de Eurípides é natural que a sublimidade criadora de Shakespeare, muitos séculos depois, não tivesse continuidade.

Talvez não seja audácia afirmar que, sem o espírito da tragédia shakespeariana, não seriam possíveis as manifestações dramáticas de Corneille, Racine, Molière e Voltaire.

Shakespeare foi o criador da arte dramática, que outros depois seguiram suggestionados pelo poder assombroso do seu génio de poeta trágico.

País de poetas

PORTUGAL é um país de poetas — ouvimos desde a infância. Não sabemos até se os nossos avós, quando meninos, ouviram a mesma frase.

Alexandre Herculano afirmou que aos vinte anos todos os portugueses são poetas.

A tendência não é, porém, exclusiva nosso. Também os franceses se orgulham de a França ser um país de poetas.

Parece que a circunstância de muitas pessoas andarem fora da compreensão das coisas práticas do mundo lhes dá a denominação, umas vezes irónica outras lamentosa, de poetas.

A poesia está tão alta que não basta versejar para a sentir e compreender.

E muito ela teria a lucrar se conspícuos sentenciadores não a confundissem, lamentavelmente, com artificios e habilidades.

ONTEM E HOJE

POR AUGUSTO RICARDO

Um poeta humano

A EUROPA começa agora a olhar para a cultura norte-americana. O que há anos somente era conhecido por uma minoria culta, está hoje a tornar-se vulgaríssimo para as grandes massas.

As obras dos seus escritores são divulgadas por todo o mundo, traduzidas em várias línguas.

Walt Whitman, o grande poeta do século XIX, tem os seus livros traduzidos em vinte e cinco idiomas.

É dele esta luminosa afirmação: «A literatura é grande apenas neste aspecto: quando empresta como contribuição para o aperfeiçoamento da cultura humana, em prol da causa do povo e quando seja um meio pelo qual os homens se revelem como irmãos».

O enorme poeta não escreveu o que reproduzimos na intenção descuidada de fazer literatura. Não. A sua vida foi um digno exemplo de todos os sentimentos nobres que aconselhou a outros homens.

Criadores e assimiladores

PARECE estar averiguado que nem todos os poetas de génio tiveram sólida cultura. Esta, na opinião de alguns pensadores, é, em certos casos, nociva ao espírito criador.

A cultura é uma «assimilação». A poesia uma fonte inexaurível de pensamentos e sentimentos criadores.

Por isso, quando a um poeta pretensamente culto lhe dá para se ocupar de manifestações científicas, a ciência fica maltratada e a poesia perde o seu encanto.

Criticados e criticadores

ALGUNS autores têm ultimamente respondido a críticas feitas aos seus livros por pessoas a quem os enviam e das quais esperam pública referência.

Longe de nós a pretensão de tomar partido por qualquer das partes litigantes, empregando o consabido chavão jurídico. Não nos consideramos críticos de ofício. O destino nos livre de tão antipática e generalizada pecha. No entanto, por mal dos nossos peccados, uma ou outra vez nos temos referido em letra de fórrna a obras que nos têm sido enviadas, em vários casos, e stosamente; em tantos, por obrigação profissional.

Isso, porém, não nos concede o spódo de sentenciadores implacáveis. Evidentemente, o criticado nem sempre pode estar de acordo com o criticador. Se assim succedesse, isto é, se o envio de uma obra originasse, invariavelmente, um rasgado louvor, a crítica tomaria outro nome. A crítica não deve ou não deveria manifestar-se por esta irritante e dogmática expressão muito de uso: «eu penso assim».

Admitindo que o crítico, com efeito, pense, a calma ou a perturbação do seu espírito só devem interessar ao próprio. No caso presente, cremos, o criticado nada tem com a confissão; pois cada indivíduo, escritor ou artífice, não está atingido pela estreiteza da pessoalíssima opinião.

Supomos — e não devemos ser nós apenas a assim presumir — que para destruir velhos entendimentos de beleza se torna necessário criar outros mais belos ainda.

Ignoramos, apesar da ansiedade daqueles que não são críticos, nem estetas, nem pensadores de todos os dias, se esse estado de perfeição mental e de excelência ética já foi atingido. Há quem o julgue de há muito ultrapassado. Contudo, existem pessoas que o creem tão distante como a mais longínqua das nebulosas.

Também não há razões para condenar os indivíduos que vivem sepultados em solenes e impenetráveis abstrações. Quem sabe até se o facto revela genialidade? Que isto de ser claro nem sequer dá categoria.

Quanto aos escritores que não reconhecem nas pessoas a quem enviam os seus labores literários competência crítica, também nos parecem fora da lógica. Por este coezinho motivo: se o crítico é incompetente, por que lhe enviam os livros para ele os julgar? Daí, a discordância — principalmente, se o juízo não é elogioso em demasia.

Helen Keller

HÁ pessoas que passam pelo mundo envoltas num alo de humanidade sem que, no entanto, sejam tidas por «pessoas célebres».

Contrariamente, existem outras às quais fáceis louvores dão momentânea fama, se bem que transitória.

Helen Keller, está incluída na lista das mulheres que a humanidade tem sacrificado todas as horas da existência na prática de actos nobilitantes.

Helen, que cegou na infância, conseguiu ao cabo de alguns anos, — uma cultura invulgar.

Estudou numa Universidade, completo e brilhantemente o seu curso e obteve profundos conhecimentos científicos e literários.

Ela, que não só cegou como também ensurdeceu aos dois anos de idade, conseguiu, não obstante a perda de esses dois preciosos dotes naturais, ser uma das mais cultas mulheres americanas.

A sua humanitária missão é a de ensinar os cegos a ler e a escrever.

Por isso, o povo da América assinalando a passagem do 64.º aniversário natalício de educadora, lhe prestou há pouco, enaltecido preito que classificou de «homenagem à mais nobre mulher do mundo».

A humildade é uma das poucas virtudes humanas — quando não é feita de piedosa hipocrisia.

Transformar a dedicação em acto exhibicionista, é negar a pureza da bondade — e não é este o caso de Helen.



A mulher inglêsa continua a ser a dedicada colaboradora do homem

O Colombófilo enamorado

CONTO

DE JOÃO DE SINTRA

JURARA a mim próprio nunca escrever este conto. Era um conto de senhora, de meninas novas, de rapariginhas a soltar o tenebroso a b e da vida. Mas isto que ideias lê é apenas o apontamento reatido, soluçante, da ida romântica e insuperável, desta vida para o limbo obtido da morte de uma mocidade florida.

Eu vivia numa terra do Sul. Circundada de mares. O líquido horizonte parecia uma muralha azul. O céu, le tovo da manhã, colhado de derreiros cinzentos de tarde, imutável na sua soberania tropical, continha um sol oculto em névens feitas de farrapos. Mas os rapazes e as raparigas cresciam fortes nesse clima brand, insidioso para os homens feitos. Encerrava-me na minha terra: vesta como um continente, fornecia-me de silêncio e, assim, compensava o ruído contante da rua. Nela, a principal e única da terra, as portas fecharam-se na hostilidade dos fech e inamovíveis, não existiam botões — e nas magras travessas a custo rastejadas na penedia, as rosas, as glicínias, as trapadeiras valencianas subiram em saltos de acrobatas com a difícil arte circense do traquézio.

Nessa cidade inconcebível mas real em meio evocatório saudoso, vivi.

Produzia-se uma ausência da legibilidade, atrás da autoridade. Depois, viverem tempos de confusão. As formulas irregulares de força sucediam-se; hav a tiros nas agrestes encruzilhadas. Só a natureza prosseguiu, imutável, no esforço portado de nos brindar sucessivas co'heites de esverdeadas bananas, logo esmorecidas no rápido envoltório de palha de arroz ou cevada e nos papéis colados por mãos femininas. Os homens e os rapazes perderam-se no campo: quando não havia bananas, cresciam sob a orvalho do tomateiro. Duas e três colheitas por ano. No porto, os alegres escandinavos enchiam os seus barcos de trepidantes motores, em breves dias, dessa carne de frutos polpudos, carnudos, e com diferentes palmas hões coravam as trançadas águas na direcção dos mares do Norte. S' lhes sobrava espaço, enchiam-no de batatas tenrissimas, de rosadas pedes, ou de laranjas sempre doces, ou tâmaras, ou pepys — crescidas em grupos densos no topo de grandes troncos, esguis e torcidos; só creados na areia branca das planícies sedentadas do Sul. Se nessa terra tudo é Sul, onde está o Norte? Pois existe. E montanhosa, riscado de vales onde verdeja, impulsionado pelas águas e escaaldado de branco sol um mundo completo de embrionárias formas

Tôdas as manhãs, as mãos brancas e hercúleos, o peito saudável de um gigante, se erguia numa saudoso am'ga o meu visinho. Afinal, êle não me saudava a mim. H'bitou as pombas a irem comer na palma da sua mão. Dentes saudáveis abriam-se em sorrisos para uma menina ideal, de olhos azuis, pele branca e rosada de sangue próprio e envolta, nos negros cabelos, pela branca túnica de seda que mais ovalava e mussulmanizava o rosto arab-, de grandes e arqueadas sobrancelhas...

Neste encantamento — em nada interessava o próximo mundo circunciente. Os motores estrepitosos da rua barulhenta emudeceram. Aquêles amores cresciam. No silêncio da resaca havia do altaneiro mar, ouviam-se algures, perdidos por entre o casário dessa cidade opulenta, isolados tiros. Mortilizavam gente. Antecipavam classes. Uma manhã notei a desapareição do enamorado colombófilo. A noiva, pois prometidos já estavam com aquela terminante fidelidade que distingue o amor nos mares do Sul, chorava — mas eu nunca me atrevi a interceptar a juveni de desse amor, po'quanto me parecia forte atrevemente.

Respeccem uma manhã. Crescera mais. Ali os homens aumentavam de estatura com a prodigiosa facilidade das bananas. Vestia o kski verde da artilheria de campanha e ostentava as divisas de cabo. Acampado nas baterias da Ilheta, pared-s meias com um campo de concentração e o campo de tiro, aproveitava a madrugada fresca, confortável, para várias cousas: regar e cuidar os seus vasos de flores e diminutas palmeiras; dar comida aos pombos-correios e dar-lhes, na água fresca, a confirmação da sua amizade. An' ave' traquinavam, formando em arco. Enamorava...

Êla era tão graciosa! Teria costezou dezasseis anos? Um par a menos que êle.

Entretanto, distendera-se a rígida disciplina militar. Avors, borbulhavam de autoridade. E o Código de Guerra applicava-se a rigor. Uma manhã a noiva impaciente, abriu as gaidas do pombal e, variando as expressões da sua pudica impaciência, em tôdas as líceiras mensageiras prendeu um bilhetinho. Escreveu a mesma palavra: amor. Que outra iria ela escrever?

Minutos decorridos, o oficial de serviço nas baterias de campanha, via os soldados sete ou oito, da guarda, lançaram-se jabilosos sobre os pombos-correios.

— Que é?

— Devem ser para o cabo colombófilo...

Horas depois, um júri de guerra decida em missão secreta; Condenados à morte o cabo Mário e os soldados dos números tantos e tantos, Tentativa de comunicação com o inimigo. Execute-se.

Ante a guarnição formada em quadrado, à luz leitosa da madrugada, as armas tiradas à sorte, umas carregadas de balas, outras só com buchas, os m'ços, stógnitos, mal tiveram tempo de se entre-olhar. As salvas regulamentares sucederam-se. Os corpos cvidos, nus do peito para cima, bo bulharam sangue. Ao entardecer, fugi limente, uma ambulância transportava os, por aquela única rua, ao cemitério situado no extremo oposto da cidade. Não voltei a ver o colombófilo enamorado; e, quanto a ela, tampouco...

Chapéus vegetarianos

(Continuação da pág. 10)

sua audácia, ou com o seu ridiculo — substantivamente, chapéu.

Um artista horticulor, lembrou-se agora de lançar a moda dos chapéus vegetais, que tanto podem durar um dia como uma semana, mas que não deixam, na sua exuberância floral e vegetal, de serem eminentemente úteis e até comestíveis. Uma tenra folha de couve, um viçoso molhe da bróculos, uma singela criptogâmica, se não uma mancha de ferruginos espinafres, e a mulher, que é a mais bela flor da natureza, volta aos velhos tempos da Grécia, em que ela era no seu mistério uma encantada himaíriade.

Seja prático e económico

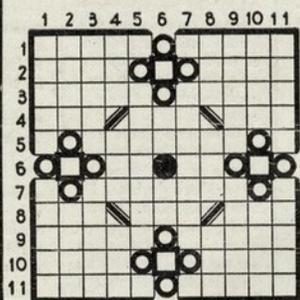


Informações — em tôdas as estações da C. P. — em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 24031 — no Porto — na estação de S. Bento — Telef. 1722

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 92

VERTICAIS



- 1 — Cobertura; Antónimo de transparente.
- 2 — Lubrificante; moedas de prata, da Índia inglesa, correspondentes à 16.ª parte d'a rupia.
- 3 — Cresce; Oficinas.
- 4 — Patrião; Protóxido de cálcio; Espaço de tempo.
- 5 — COMANDANTE DO 1.º EXÉRCITO AMERICANO QUE EM FRANÇA SE DISTINGUIU NA LIBERTAÇÃO DE HERBURGO.
- 6 — Entrega; Proposição e artigo.
- 7 — COMANDANTE DO 2.º EXÉRCITO BRITANICO EM OPERAÇÕES NA FRANÇA.
- 8 — Espécie de sapo da região do Amazonas; Gemidos; Estime.
- 9 — Ruído; As pessoas mais distintas.
- 10 — Partidas; Um dos Estados Unidos da América do Norte, cuja capital é Columbus.
- 11 — Contusos; Elevados.

HORIZONTAIS

- 1 — Conquistar; Mólho indiano.
- 2 — Alt; Inculto.
- 3 — Região da França, no departamento de Gironde, sfamada pelos seus excelentes vinhos; Apelido do fecundíssimo romancista francês, autor de «Os Três Mosqueteiros», etc.
- 4 — Colocar; Composição poética; Sufixo desinativo de qualidade.
- 5 — Aplaudir.
- 6 — O mais; Nome de uma letra grega.
- 7 — Uniss.
- 8 — Div'isível por dois; Patriarca hebreu que, salvando-se com sua família do dilúvio, foi o tronco das novas racas humanas (Bibl.); Astro que é o centro do nosso sistema planetário.
- 9 — Monumentos megalíticos, formados por uma grande pedra horizontal sobre outras menores e verticais; late (inglês).
- 10 — Cidade francesa recentemente libertada pela valorosas tropas aliadas; Medida de 60 alqueires.
- 11 — Queimou; Clumes.

Solução do problema n.º 90



DORES DE ESTÔMAGO...

... logo às primeiras garfadas
Repugnância ou agonias logo às primeiras garfadas; azedumes ou dores súbitas depois de ter comido, são outros tantos sinais dum desarranjo do estômago. Uma pequena dose de pó ou alguns comprimidos de Magnésia Bisurada aliviarão instantaneamente êstes incômodos que, descurados, podem tornar-se crónicos e resultar em gastrite ou úlcera. A Magnésia Bisurada suprime rápida e radicalmente as ardências, a azia, a flatulência e todos os incômodos da digestão porque neutraliza o excesso de acidez que irrita a mucosa delicada do estômago e que é, nove vezes em cada dez, a própria causa deste mal.

DIGESTÃO ASSEGURADA
com
MAGNÉSIA BISURADA
À venda em tôdas as farmácias, em pó ou comprimidos a 15\$00 e 23\$00.

A GUERRA ACABA ESTE ANO

(Continuação da pág. 8)

dificuldades a vencer, muitos obstáculos a remover, muitos esforços a dispendir. Mas, perante as provas dadas, ninguém duvidará do êxito final.

O grupo de exércitos que, sob o comando do general Alexander, opera em Itália, ainda não deixou de progredir. Dois terços da península italiana foram conquistados.

A leste, o ritmo das operações acelerou-se nos últimos tempos. A batalha de Minsk, uma das maiores desta guerra, deu aos exércitos russos uma liberdade de movimentos total entre as margens do Báltico e os pântanos do Tripet. Seis exércitos poderosos operam nesse sector da frente que tem uma extensão de cerca de oitocentos quilómetros. Os objectivos dos atacantes, neste teatro de operações são claros: isolar o grupo de exércitos alemães que, constituídos por cerca de quarenta divisões, ocupavam as repúblicas bálticas, estabelecer e seu domínio na margem sul do Báltico, e seguir as vias de penetração que se oferecem para entrar no território do Reich, a Prússia Oriental e o caminho tradicional de Varsóvia.

A fortaleza germânica, em dois meses, desde que o general Alexander passou decididamente ao ataque, no sul, viu sensivelmente reduzida a sua superfície e diminuída a sua capacidade de resistência. Em 11 de Maio, a criação da segunda frente era considerada, por muitos, como uma impossibilidade. A frente leste passava pelo istmo da Carélia, cingia Leninegrado e apoiava-se no duplo sistema fortificado de Vibesk-Orsha-Moli-

lev e de Minsk. Ao sul a posse de Roma parecia assegurada pelo triplice sistema defensivo constituído pelas linhas Gustavo, Hitler e dos montes Albanos.

Tôdas as fortificações penosamente construídas cederam ao impulso dos exércitos aliados. A rotura da muralha do Atlântica ficará, no meio das vitórias alcançadas, como o acontecimento fundamental nesta fase da guerra. Foi o assalto irresistível dos ingleses e canadianos nas praias da Normandia que demonstrou até que ponto ela era vulnerável.

O mundo aguardava, com uma ansiedade compreensível, a criação da segunda frente. Mas nunca esperou, decerto, que ela se realizasse com a facilidade e com a pericia que caracterizaram a primeira fase das operações militares na Normandia. As perspectivas de novos desembarques são agora claras. A progressão dos exércitos aliados, por toda a parte, é um facto insofismável. A sua superioridade, em material e efectivos, não oferece dúvidas. A capacidade do seu comando ficou retumbantemente confirmada por toda a parte. Não bastarão êstes argumentos para nos fazer acreditar na afirmação de Montgomery de que a guerra acabará ainda este ano?

COLÉGIOS RURAIS NA GRÃ-BRETANHA

(Continuação da pág. 13)

atrada para as luzes brilhantes, os salúrios e a animação das cidades. É para detar essa atracção e para revigorar as pequenas comunidades cam-

pestres que Morris lançou a idéa dos novos colégios. Ele verificara que a unidade e a comunhão de interesses se perdiam, a pouco e pouco. E, no entanto, há cem anos, as mesmas vilas e aldeias pareciam ser a essência da tradição britânica. Morris pensou fazer que o passado revivesse. Estava convencido de que, para dar uma nova vida às aldeias, era necessário levar-lhe novos motivos de interesse, um novo sentido de responsabilidades. Era necessário fazer compreender à população campestre a importância capital da parte que lhe cabe na vida do país.

Foi assim que Morris concebeu a idéa de agrupar várias aldeias em torno de um centro comunal, porque uma única não podia constituir uma unidade cultural e social completa. Morris queria que êsses centros comunais fossem organizados em torno de instituições de educação destinadas ao mesmo tempo aos adultos dos dois sexos de toda a região abrangida.

O campo, dizia Morris, deverá ter um sistema de educação local e original. Foi sobre essa teoria que êle estabeleceu o plano dos colégios rurais.

O núcleo desse centro comunal devia ser uma escola de crianças de 11 a 14 anos, também posta à disposição de todos os membros das famílias da região. O centro teria, também, um serviço médico completo, bibliotecas, salas para festas, cursos de agricultura e de economia doméstica, sala de restaurante, cursos de cozinha, etc.

Tal é o plano que Morris concebeu em 1925 e que foi seguido nas

suas linhas gerais no momento da construção e da organização dos quatro colégios rurais da Grã-Bretanha.

O primeiro destes colégios ficou instalado em S. waton, a alguns quilómetros da cidade universitária de Cambridge. Corresponde às necessidades de nove vilas, num raio de seis quilómetros. Foi inaugurado no Outono de 1930, pelo Príncipe de Gales.

Os outros três colégios dos onze previstos para educação rural, estão também já construídos, e demonstraram largamente a sua eficiência.

O mais recente, inaugurado em 1939, em Impington, no condado de Cambridgeshire, é uma das mais graciosas e mais imponentes realizações arquitectónicas do país. É de concepção simultaneamente audaciosa e artística. As suas curvas vigorosas e a sua clássica simplicidade adaptam-se perfeitamente à paisagem de Cambridgeshire.

Em todos os colégios as salas de aula são utilizadas, à noite, para os adultos, em actividades sociais e de educação.

Todos quantos freqüentam os colégios, seja a que título for — para seguir os cursos ou para participar na sua actividade recreativa — têm, também, autoridade na administração do Centro.

E assim é que os colégios rurais britânicos se tornaram perfeito exemplo de democracia em ministura.

Quereis ganhar dinheiro?

A N U N C I A I N O

MUNDO GRÁFICO

VINHO DO PÔRTO

“GRAHAM”

DA FIRMA

G. me & João Graham & C.^a

DE

VILA NOVA DE GAIA

Agentes em Portugal e Colónias:

Guilherme, Graham, Jnr. & C.^a

Rua dos Fanqueiros, 7
L I S B O A
Tel. 2006619

Rua dos Clérigos, 6
P Ô R T O
Tel. 88011

FRIGORÍFICOS ELECTROLUX

Adquira já um frigorífico para que no verão e sempre possa gozar das vantagens de ter

COMIDAS Sãs e BEBIDAS FRESCAS

Vendas em prestações

PEÇA O CATALOGO dos vários tamanhos a

Electrolux Limitada
Avenida da Liberdade, 141
LISBOA



Laurence Olivier

(Continuação da pág. 2)

Elisnovre, que Shakespeare designava para cenário da sua peça.

A sorte sorriu, definitivamente, a Olivier. O seu filme «Five over England» foi um êxito assombroso. Todos os dias recebia telegramas de Hollywood com propostas de magníficos contratos, mas antes de ir para os Estados Unidos ainda interpretou, com Vivien Leigh, um outro filme: «The first and the last».

«Sonhei sempre desempenhar o «Heathcliffe» de «O monte dos ventos», declarou um dia. A ocasião ofereceu-se-lhe, finalmente. Depois daquela obra fez «Rebecca» e uma «urnée» pela América com «Romeu e Julieta». Desempenhou, ainda, em Nova York uma comédia moderna «No Time for Comedy» e juntou-se, de novo, a Vivien Leigh, em «Lady Hamilton».

Na América, antes de regressar à Inglaterra, tirou a sua carta de aviador e, quando, de novo, pisou o solo da Grã-Bretanha era um magnífico piloto. Foi então que se incorporou na Aeronáutica Naval.

Um sr. atrevido

(Continuação da pág. 11)

O Sr. Atrevido pertence àquêle género humano que é indispensável nestes tempos em que as mulheres copiam demasiadamente os gestos masculinos. É certo que as mulheres sempre mandaram muito. Mas era um mandar manso, um mandar doméstico, que às vezes se excedia um pouco como no caso de Judith, cortando a cabeça a Holophernes. Mas o que é uma cabeça a mais ou a menos, no sentido concreto da palavra, diante dos milhões e milhões de homens que perderam a cabeça, por causa das filhas de Eva?

N. da R.—Final este Sr. Atrevido não passa dum lamentável caso de confusão em que caiu o nosso repórter fotográfico. Apa-

receu-nos aqui, na redacção, radiante, com umas fotografias que classificava de grande "tiro", jornalístico. Todos nós embarcámos na primeira impressão de entusiasmo, mas depois, a sangue-frio, vimos que se tratava, pura e simplesmente, do José Gambôa, da Fernanda de Sousa e da Madalena Sotto, que resolveram vir, para a Avenida, ensaiar em plena liberdade uma cena da sua nova peça, "O Atrevido". Não-de, concordar que é preciso ter representado muito bem para iludir a habitual sagacidade do nosso repórter fotográfico. Quanto a nós, descansem, temos os nervos no seu lugar e não nos zangamos com êle. Fica esperado para a próxima vez...

Augusto Fraga

O Museu das Janelas Verdes

(Continuação da pág. 21)

velho entendido de pintura? Não! Uma jóvém que pelo seu aspecto parecia chegada de Hollywood! Isto prova que quem pretende julgar pelas aparências nem sempre julga bem.

Um Nuno Gonçalves, por exemplo, nos Painéis de São Vicente, é um mundo de sempre,

vivo como tudo que é eterno. «D. Sebastião» de autor misterioso, tão misterioso como a alma estranha do modelo, é um símbolo da raça. E quem não fica embevecido na contemplação da «Custódia», de Gil Vicente, essa graça de forma quási material que dir-se-ia um sonho plasticizado? E a «certeza» de Franz Hale, dominadora e pagã. E quem não sente um fundo pensamento interrogativo diante dos frades do génio de Zurbaran?

Tudo isto forma o quadro suavemente iluminado do ambiente de um museu.

Estamos certos de que se o leitor ainda não visitou os nossos museus — o que não é crível — não deixará de o fazer bendizendo a claridade que lhe iluminou o espirito nessa doce romagem de beleza.

Casas de aço

(Continuação da pág. 22)

liar, dois quartos de dormir, uma cozinha, uma casa de banho e um pequeno depósito. Graças à supressão de corredores, todo o espaço é aproveitado para as dependências.

A construção destas casas foi concebida de tal maneira que 90% do trabalho pode realizar-se na oficina

A sua montagem é de extraordinária rapidez e resume-se ao ajustamento e ligação de todos os ferros fabricados independentemente. As paredes são construídas segundo o sistema de contraplacados; o exterior é um revestimento de aço estampado para assegurar a regidez necessária, cobrindo-se o interior de um metal conveniente, contra o ruído.

Aos preços em vigor, em tempo de guerra, esta casa, com todo o mobiliário e utensílios, custará apenas 550 libras, mas o governo inglês espera que poderá reduzir o preço logo que estejam restabelecidas as condições normais.

Quanto aos seus interiores, poder-se-á verificar, pelas fotografias que ilustram esta página, as comodidades excelentes que as casas de aço oferecerão às 500.000 famílias que irão habitá-las.

Cães de guerra

(Continuação da pág. 14)

os feridos, levando na coleira os remédios de urgência. Quando o indivíduo, já não reage, êle próprio tira da coleira um pequeno cilindro de madeira, e assim volta à reclusão, revelando dessa maneira engenhosa que encontrou um soldado. Agora os cães são empregados em descobrir minas, no que se tem mostrado duma excelente argúcia e subtilidade. As suas indicações, são tão valiosas como indispensáveis.

LITORAL

REVISTA MENSAL DE CULTURA

N.º 1 À VENDA EM TODO O PAÍS
LIVRARIAS • TABACARIAS

PEDIDOS À ADMINISTRAÇÃO
RUA DAS FLORES, 81-2.º D.
LISBOA | TELEFONE, 23343

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogarías

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



AO SOL
sem
queimaduras
só com

Bronzisol

protege
e
bronzeia a pele

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA
AV. DA LIBERDADE, -35 - LISBOA - TEL. 21866

M.º CAMPOS

EMISSIONS EM LINGUA PORTUGUESA

09.15-10.00 <u>Noticiário</u>	19.30-19.45 <u>Noticiário</u>	31.73 m.
49.92 m.	41.96 m.	31.25 m.
41.96 m.	31.61 m.	30.53 m.
31.61 m.	31.41 m.	24.92 m.
31.41 m.	19.91 m.	24.80 m.
25.42 m.	<u>η Voz da América</u>	02.00-02.15 <u>Noticiário</u>
19.91 m. (15.0 mic/s)	19.45-20.00	42.13 m.
<u>Noticiário e Actualidades</u>	41.96 m.	41.75 m.
14.15-14.45	31.61 m.	31.73 m.
49.92 m.	31.41 m.	31.25 m.
41.96 m.	19.91 m.	30.53 m.
31.61 m.	<u>Noticiário e Actualidades</u>	24.92 m.
31.41 m.	22.15-22.45	24.80 m.
25.42 m.	41.96 m.	03.15 <u>Noticiário</u>
19.91 m.	31.61 m.	42.13 m.
16.79 m.	31.41 m.	41.75 m.
	19.91 m.	31.75 m.
		31.25 m.
17.30-17.45 <u>Noticiário</u>	00.45-01.00 <u>Noticiário</u>	30.53 m.
19.51 m.		24.92 m.
19.44 m.	42.13 m.	24.80 m.

HOME AND FORCES PROGRAMME—Publicam-se, semanalmente, no «RÁDIO NACIONAL» e no «ANGLO PORTUGUESE NEWS», programas seleccionados dos Serviços Nacionais da B. B. C.

B. B. C.

**A VOZ DE LONDRES FALA
E O MUNDO ACREDITA**



MUNDO GRÁFICO



Um
golo de água
sabe bem
depois
dum vitorioso
combate
na Itália
meridional